



Um grupo de estudantes adolescentes liderado por Rani Moraes e Mariana Lírio não só defendia efusivamente o cinema nacional, como também prometia ir todas as noites ao Cine Brasília

Telas próximas, gostos distantes

Enquanto o cinema nacional ocupa o Cine Brasília, perto dali, no Cine Karim, um público prefere ver Steven Seagal em ação

Bernardo Scartezini
Da equipe do **Correio**

Exatos mil quinhentos metros. Também conhecidos como um quilômetro e meio.

Eis a distância entre os Cines Brasília (em forma de siglas e números, EQS 106/107) e Karim (EQS 110/111). No primeiro, o badalado 30º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. No segundo, o não tão badalado *Ameaça Subterrânea*, a nova aventura do ator e quebra-ossos Steven Seagal.

No córner da esquerda, o detentor do título mundial: cinema ianque. No córner da direita, o desafiante: cinema tupiniquim. Entre ambos, o público brasiliense.

"Adoro cinema brasileiro. Você sente a sua realidade ali na tela. Não a realidade que os americanos acham que existe, ou querem que exista", compara a estudante Iaci Szajnetn-weld, 18 anos. "É um festival como esse realça a força do cinema

brasileiro", completa o estudante de supletivo, Denver Irlanda Paraizo, 20.

Os dois não conseguiram lugar para a sessão das 20h30 de *Como Ser Solteiro*, a atração de quarta-feira da mostra competitiva do Festival de Brasília. Mas não se incomodaram de matar tempo até a sessão das 23h, quando o programa de cada noite é reprisado.

Nem se tivesse lugar marcado na primeira fila do Cine Brasília Hernande Brito, 22 anos, se arriscaria a enfrentar uma produção nacional. "Cinema brasileiro é mal feito, cheio de erros. Não tem suspense, nem emoção", acredita o rapaz, na porta do Karim. Ele até arriscou umas olhadelas nos filmes brasileiros que passavam na Rede Bandeirantes, mas mudou de canal.

Hernande preferiu Steven Seagal. "Esse filme (*o tal Ameaça Subterrânea*) nem é dos melhores. Mas quem quer aventura sabe que vai ter", acredita, fã dos psicopatas de

Silêncio dos Inocentes e *Seven* — estrelados por Anthony Hopkins e Brad Pitt, respectivamente.

Plínio Cristovão de Andrade, escritor, 31 anos, também foi ver Steven Seagal. "Cinema brasileiro até que é bom. Gostei de *Guerra de Canudos* e *Pequeno Dicionário Amoroso*", salienta. Mas ele nunca foi ao Cine Brasília. Prefere o ParkShopping. "No shopping é mais fácil, tem vários filmes para você escolher, mas não faço distinção entre brasileiro e americano, basta a história ser boa", garante.

Ah... a história. "Cara, o cinema americano não tem história. É só porra-da-tiroteio, batida de carro e sangue", resume Carlos Gonzaga, professor de português e latim. Carlos foi ver *A Grande Noitada*, a atração da noite de terça, no Festival de Brasília.

"Filmes americanos têm história sim. Pode ser que filme de ação seja meio forçado, mas não dá para generalizar. Não tem só Stallone no mundo", diz Cássio Beraldo, discordando de Gonzaga, a um quilômetro e meio de distância, na fila do Ci-

ne Karim. Economista de 35 anos, ele mora nas cercanias do cinema, na 110 Sul, e assiste "qualquer coisa que passe no Karim".

"Mas o cinema brasileiro tem uma história social, uma identificação racial muito forte. Na época da ditadura, com Glauber Rocha, e todas as pressões que os cineastas sofreram nesse tempo, através da Embrafilme. E tem ainda o tempo do Collor, né?, que destruiu com anos de produção deixando os cineastas à míngua. Cinema no Brasil é uma luta constante, sem trégua. Só que a juventude, aliás, a maior parte das pessoas, confunde cinema brasileiro com as pornochanchadas", lastima

Gonzaga, antes de engrenar num discurso sobre Glauber e o Cinema Novo.

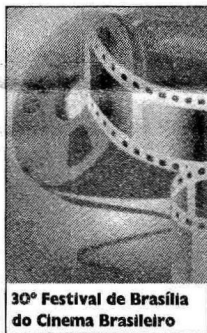
"É muito chato". Bruno Almeida, 14 anos, resolve a equação em favor dos filmes americanos. Em *Ameaça Subterrânea*, Bruno se "amarrou" numa luta em que Steven Seagal quebra três braços e desloca um maxilar e um ombro. Tudo isso em menos de oito segundos. A última

aventura de Seagal tem todos os ingredientes de uma história, que bem poderia ser estrelada por Jean-Claude Van Damme ou Sylvester Stallone: agente federal, buscando vingar a morte de colega, infiltra-se em uma comunidade interiorana e acaba sendo acusado de envenenar um industrial da região.

Mas Bruno e seu amigo Marcelo Lima, da mesma idade, querem é diversão. "Adoramos cinema", resumem os fãs de Robin Williams e dos dinossauros de Steven Spielberg. Filme brasileiro, viram a Xuxa. "Uma mala".

"Cinema brasileiro é maravilhoso. Pena que que o governo não investe nele, por isso ele é bem menos divulgado que o cinema americano", ecoam, no Cine Brasília, as vozes das estudantes Rani Moraes, 17 anos, e Mariana Lírio, 18. Eles estavam chefiando uma trupe de garotas adolescentes que prometiam bater ponto em todos os dias do Festival de Brasília.

"Os cineastas brasileiros dos anos 90 estão reconquistando a juventude. No meu tempo a gente só via produção nacional. Parece que agora as coisas estão voltando pro eixo certo", comemora Carlos Gonzaga, prestes a enfrentar *A Grande Noitada*.



30º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro